

**COLÉGIO  
DA  
BOA CONSTRUÇÃO**





**COLÉGIO  
DA  
BOA CONSTRUÇÃO**

António Coxito



**HOBBYECTS**  
made by you



Este ensaio consiste numa reflexão anacrónica sobre a transmissão de conhecimento e *praxis* em Arquitectura, sob a forma de manifesto, com a estrutura de um modelo de curso. As questões levantadas no âmbito da investigação **Arquitectura e autonomia, experimentação na periurbanidade**<sup>1</sup> conduziram a esta projecção desde as instituições colegiais. Como incursão na reflexão utópica, não poderia deixar de incluir uma proposta pedagógica.

O conceito do **Colégio da boa construção** surgiu um ano após o início da investigação. A versão aqui publicada é próxima das de 2014 e não aquela que foi publicada como Anexo à dissertação final.

Considera-se que o delírio permitido numa fase inicial do processo de reflexão, ainda sem os pruridos correctivos que posteriormente sobrevieram por obrigação científica, é indissociável da semente de utopia que reside neste ensaio.

---

<sup>1</sup> Dezembro 2015, Universidade de Évora

# 1. VOU A JOGO

*Not better, just different.*

Susan Naomi Nordstrom

## 1.1. Coerência

Reconhecendo a petulância desta proposta, ela enquadra-se no entanto num esforço de coerência. No contexto da abordagem desenvolvida na investigação à qual se refere<sup>2</sup>, considerou-se que aquele discurso tinha o dever de ser assumido desde a sua raiz i. e., desde as instituições colegiais.

## 1.2. Tudo é arquitectura, nada é arquitectura

Partindo do paradoxo de que a arquitectura é um somatório de disciplinas proprietárias, o que a deixa ora como um conjunto ora esvaziada de um âmbito próprio<sup>3</sup>, tiremos partido desse vazio como criador.

---

<sup>2</sup> Este ensaio figurou como Anexo à dissertação **Arquitectura e autonomia, experimentação na periurbanidade**, defendida em 2015 na Universidade de Évora.

<sup>3</sup> Jeremy Till em **What is architectural research: Architectural research, three myths and one model**, 2005, parte deste paradigma para desenvolver a sua proposta.

### **1.3. O que não é arquitectura**

Sobre a questão *o que é arquitectura*, pareceu-nos adequado procurar definir a montante aquilo que *não* consideramos ser arquitectura.

Pela proximidade contaminadora que as versões institucionais teriam sobre esta discussão, revelou-se um óptimo ponto de partida o de definir que *não é arquitectura* tudo aquilo que convencionalmente é tido como arquitectura. Este método não visa ser provocatório *per se*, será implementado meramente por questões de facilidade operativa.

A re-admissão dos eleitos será feita, posteriormente, por inclusão de partes.

## **2. ARQUITECTURA, CONSTRUÇÃO E BOA CONSTRUÇÃO**

Nesse processo, foi formulado um termo para nos referirmos àquelas obras que pretendíamos valorizar, deixando o termo *arquitectura* para os romanos<sup>4</sup>.

Introduz-se a noção de *boa construção*, que nada tem a haver com bem construído. *Boa construção* é uma consideração local, tanto geográfica como pessoalmente. Nunca pode ambicionar a ter um reconhecimento global

---

<sup>4</sup> Alusão à tirada "estes Romanos estão loucos" de René Goscinny em **Asterix o Gaulês** (1961). Não se refere apenas ao povo romano e à sua cultura (que é a nossa) mas sobretudo àqueles que estão do outro lado da paliçada.

pois responde a contextos concretos e não genéricos<sup>5</sup>, mas sobretudo porque se manifesta em planos pessoais e intransmissíveis.

Incluirá galinheiros e colmeias, casas escondidas atrás do monte e soluções *ad hoc* no quintal. Como é evidente, admitirá no seu seio construções executadas por alguém que nunca acedeu a um curso de arquitectura. Com o mesmo grau de evidência, admitirá obras projectadas e executadas por arquitectos credenciados; esta revisão não fará recurso aos compêndios. Será apenas aberta a construções activas (sujas, cheias de gente, sem tempo para pararem a laboração para serem fotografadas). Todas as soluções políticas, agrícolas e sociais que impliquem a arquitectura serão admitidas neste grupo, desde que contribuam para a teoria e a história da boa construção<sup>6</sup>.

### **3. COLÉGIO DA BOA CONSTRUÇÃO**

#### **3.1. *Status quo***

As instituições de ensino da arquitectura continuarão a formar para servir a cidade pois é esta o centro do capital. Se a sua reflexão sempre conteve sementes de

---

<sup>5</sup> A reflexão sobre o genérico em Rem Koolhaas refere-se exclusivamente às cidades e revela-se desadequado para esta situação por questões éticas. Este caso refere-se a uma periurbanidade autónoma.

<sup>6</sup> Os **Falanstérios** de Charles Fourier (início sec. XIX) ou **Garden City** de Ebenezer Howard (início sec. XX) em nada contribuíram para a história da construção mas encontram-se, por mérito próprio, na *História da boa construção*.



contrapoder, a sua prática nunca se demitiu de fazer parte da *grande narrativa*.

A desadequação programática das suas instituições colegiais às exigências das questões menores do meio rural não as qualificam como realmente úteis para servir aqueles indivíduos que, por opção ou pelos constrangimentos colaterais da sociedade capitalista, se encontram fora do sistema urbano e inter-urbano.

O sistema urbano e inter-urbano representa uma parcela ínfima daquilo que existe, ainda que mais densamente povoado. Apesar de o mapa mental que o homem cria de um território ser um somatório de pontos e das linhas que os unem (localidades e vias), o espaço intersticial representa, na Europa, mais de 98%. Apenas com um cavalo ou boas pernas e muita vontade se consegue aceder a esse conhecimento.

Num sistema rizomático, estes nódulos têm poucas conexões com o exterior e criam conexões próprias. No entanto, verdadeiras.

### **3.2. Breve proposta para um colégio**

Como tal, sentimo-nos na necessidade de fundar um curso para o pensamento, o desenho e a construção na

periurbanidade<sup>7</sup>. A montante, procurará a formação do indivíduo; não por razões paternalistas mas por necessidade primeira do ser um *bom construtor*, entre indivíduos.

Sobre a exequibilidade legal de tal procedimento, tal é um tema que não abordaremos (por agora). Quanto ao seu real grau de utopia, ocorre-nos Orson Welles em Mr. Arkadin: "Aqueles que se engajam apenas em batalhas cuja vitória é certa, nunca fazem história."<sup>8</sup>

### **3.3. Objectivos e Modelo**

O objectivo do Colégio da boa construção é o de formar para a autonomia (lei própria) e para a autarquia (autosuficiência).

Dirige-se a arquitectos que pretendam participar activamente na construção de Mundos dos outros e a todos aqueles que desejem construir o seu próprio Mundo.

A espinha dorsal da sua formação dividirá as abordagens de cariz científico, essencialmente sobre o instituído, das de cariz artístico, no sentido em que produzirão reflexão a partir do existente para o ainda não existente, para o futuro. Estas não serão, no entanto, matérias do âmbito das

---

<sup>7</sup> Na periferia da urbanidade. No entanto, não refere um espaço estritamente geográfico pois, diferentemente da suburbanidade, é definido por relações internas, virtuais e culturais. Particularmente as relações virtuais, desterritorializam estes espaços.

<sup>8</sup> Orson Welles, **Mr. Arkadin**, também conhecido por **Confidential Report** (1955).

Artes visuais ou performativas mas parte da estrutura epistemológica onde assentarão os conhecimentos apreendidos.

As matérias debatidas incluirão palestras introdutórias aos mecanismos vigentes ministradas por advogados do diabo, que serão confrontadas com workshops de invenção de rodas.

Na Ciência será sensível à patafísica, não buscando padrões mas heterogeneidades. Na História não lerá continuidades mas forças. Na hermenêutica buscará mais dúvidas e não respostas e coerências.

Viajará pela teoria do limite dos ciclos naturais. Exporá o actual sistema económico do princípio da dívida<sup>9</sup> e contrapor-lhe-á sistemas alternativos de valoração.

O desenho e a escrita serão considerados armas para a sugestão, onde o riscar signos para reflectir e comunicar conceitos pessoais ganhará destaque.

Na construção, informará sobre soluções legais para obviar o pagamento de taxas através do recurso a legislação para construções agrícolas e de estaleiros de obra. Terá consideração primeira pela caracterização, disponibilidade e montagem de *materiais vernaculares*

---

<sup>9</sup> **Money as debt** (2006) de Paul Grignon é um filme esclarecedor sobre a origem do sentido que atribuímos ao dinheiro.

*contemporâneos*<sup>10</sup>. Recorrerá aos princípios do *Design Open Source* para referenciar na redundância de conhecimentos o necessário, o suficiente e o ético. Para o experimentar veiculará princípios práticos de serralharia, carpintaria e maçonaria genérica. A sustentação em casos de estudo implicará visitas participativas a *squats* e *ecovillages* e à conseqüente organização dessa informação de forma não-cartesiana, dada a disparidade de tipologias e topologias apercebida.

## **4. MATÉRIAS A LECCIONAR**

### **4.1. Introdução aos mecanismos vigentes**

Esta será uma matéria de História Universal dirigida aos mecanismos que consideramos causadores da desregulação social, económica e de costumes da actualidade (consumismo, mercados financeiros, espectacularização de massas, falácias do crescimento, agressividade, velocidade...)¹¹. Terá uma abordagem científica.

### **4.2. Introdução aos mecanismos nascentes**

Esta será uma matéria de abordagem artística, no sentido em que produzirá reflexão a partir do existente para o

---

<sup>10</sup> Conceito cunhado durante esta investigação e também publicado pela HOBBYECTS.

<sup>11</sup> Este texto foi escrito em 2015. Em dezembro de 2016 incluiria o Twitter.

ainda não existente, focando em formas que sejam contrapostas aos mecanismos vigentes. Será transmitida através de workshops de *brainstorming* orientados por profissionais.

#### **4.3. Rosa do Mundo<sup>12</sup>**

Cultura universal.

#### **4.4. Pensamento e comunicação**

Matéria para uma autonomia da decisão.

#### **4.5. Metodologias do trabalho científico**

Como ler, resumir, interpretar e associar ideias.

Proporá alternativas à organização cartesiana do conhecimento, recorrendo a plataformas digitais para *mind maps*.

#### **4.6. Escrita criativa**

Uma ferramenta expedita para reflectir sobre e para comunicar conceitos abstractos.

A simultânea objectividade e subjectividade da palavra é adequada à Humanidade.

---

<sup>12</sup> Alusão ao poema de Yeats, apropriado também por Hermínio Monteiro na sua recolha de poemas para o futuro de 1999.

#### **4.7. Desenho**

Exclusivamente à mão levantada.

Exercícios de desenho sobre máquinas analógicas simples, de modo a compreender a função prospectiva do desenho.

Exercícios de desenho sobre situações de tensão (molas, lages em consola, grandes diferenças de profundidade de campo ou de brilho...) visando relevar aquilo que é aparente na percepção.

Exercícios de desenho sobre figuras abstractas (linhas, tracejados, manchas, cruces, círculos envolventes...) visando praticar a reflexão e a comunicação de conceitos não-figurativos. Estes últimos exercícios teriam a forma de *conversas desenhadas*.

#### **4.8. Digital**

Modelação 3D, edição de imagem, edição de video, edição de som.

A sua finalidade é comunicar imagens transmissíveis digitalmente.

#### **4.9. Educação física**

Seguindo a máxima *alma sã em corpo sã*, ministrará princípios teóricos de anatomia e procedimentos para consciência pessoal, bem como sessões práticas de ginástica.

#### **4.10. Legislação de fuga**

Soluções legais para evitar a intervenção de arquitectos e engenheiros no projecto e na obra e obviar o pagamento de taxas municipais. Legislação de construções agrícolas e de estaleiros de obra.

#### **4.11. Técnicas de construção**

Princípios teóricos e práticos de serralharia, carpintaria e maçonaria genérica.

Haverá lugar para a construção de estruturas e objectos de utilização efectiva.

#### **4.12. Sistemas de autosuficiencia**

Captação de água, saneamento, purificação de água, geração eléctrica, antenas wi-fi.

Este módulo fornecerá apenas a componente prática.

#### **4.13. História da arquitectura Clássica**

Na Antiguidade Clássica não existia diferenciação entre arte e técnica. A *teknê* grega, bem como a *ars* latina, referiam-se simultaneamente a um saber executar e a um papel profissional.

Este entendimento histórico é inicial para a compreensão da alteração de paradigmas no ensino da arquitectura a partir do século XIX.

#### **4.14. História das cidades**

Este tema confrontará a história institucional com o seguinte discurso situacionista:

*Os primeiros aglomerados surgiram como vantagem estratégica, uma forma de garantir o monopólio sobre certos locais onde existiam recursos alimentícios. Não surgiram como consciência civilizacional das vantagens sedentárias da especialização, da acumulação e do comércio. As populações nómadas que anteriormente também tiravam partido daqueles recursos, vendo-se privadas deles, iniciaram por essa razão as primeiras guerras. A divisão então criada entre aqueles que tinham e os que não tinham iniciou a actual sociedade classista. A cidade não nasce, portanto, da civilidade, mas antes da incivilidade. A cidade não é uma defesa contra a natureza mas contra outros homens. A cidade é uma concentração de fobias, sendo o seu exterior a sua literal libertação.*

Deseja-se que isso resulte na criação de distância crítica.

#### **4.15. História das utopias construídas**

A inspiração para as acções de comunidades fora da comunidade proveio da *Utopia* de Thomas More. A sua condição e contradição foi a de que a Utopia, ao ser representada por uma ilha, também significava que ninguém poderia ali viver de acordo com outros princípios que não fossem os da utopia.



Introduzirá New Lanark, a Vista Alegre e a influência fourierista nos E.U.A. Passará em Lechtworth até Brasília e o SAAL. Incluirá a referência às comunidades *beatnik* dos anos 1960-70. Referirá as *ecovillages*, de Auroville a Tamera. Enquadrará os *squats* como utopias periurbanas.

#### **4.16. História do território e da paisagem**

A sua abordagem será feita apoiando-se na recente corrente da arqueologia da paisagem. Em lugar de ler os vestígios meramente no contexto da história dos povos que os produziram, acrescenta a essa leitura a dialética do homem sob a influência do território, sempre sobrejacente à acção do homem sobre o território.

#### **4.17. Teoria do limite dos ciclos naturais**

Também conhecida como Geofisiologia.

Geologia e biologia dos recursos, ciclos naturais e sua sustentabilidade limite.

Esta perspectiva não coloca o Homem no centro da percepção do conhecimento.

#### **4.18. Teoria económica do princípio da dívida**

História do dinheiro e de sistemas alternativos de valoração comercial.

#### **4.19. Teoria da educação**

Partindo de uma abordagem Montessoriana, revelará a importância do conhecimento natural, afectivo e emocional para a formação de um indivíduo completo.

Para uma autonomia das pedagogias.

#### **4.20. História vegetal**

Desde a taxonomia vegetal à sua reprodução e aplicações.

#### **4.21. Permacultura na agricultura**

Se agricultura intensiva é um pleonismo, agricultura não intensiva é um oxímoro. A agricultura é, por definição, ukma violação do solo. Mas existem formas para o fazer de forma holística.

Haverá lugar para a construção de uma horta e para saborear a comida.

#### **4.22. Nutricionismo e saúde**

Para conhecer a nutrição certa para cada corpo.

#### **4.23. *Design Open Source***

Workshops de construção de objectos utilitários com recurso a subprodutos, excedentes e artefactos obsoletos.

Produzirá peças que explorem a possibilidade de um modelo de construção onde todos desenhem para todos.

#### **4.24. Materiais vernaculares contemporâneos**

Caracterização, disponibilidade, montagem.

#### **4.25. Actos de arquitectura**

Não trata da análise sociológica das implicações da arquitectura mas da sociologia dos *indivíduos arquitectónicos*.

A arquitectura deixa de ser objectualizada e passa a fazer parte de um raciocínio de planeamento.

Do planeamento das funções internas do edifício e da sua relação com a envolvente mas também do seu sentido numa rede mais alargada de edifícios equiparáveis, tecendo ligações territoriais e de significados.

A arquitectura da paisagem e, conseqüentemente, das paisagens humanas, tenderá a ser matricial nas proposições e no direccionamento do raciocínio que levará ao *acto* arquitectónico.

Se este *acto* criar relações de continuidade e intimidade significativa com outros objectos na paisagem, avistáveis por associações subliminares ou explícitas, o conjunto de actos resultante pode ser considerado com vida social, personificando a arquitectura. Para além da leitura psicológica do edifício proposta por Anthony Vidler<sup>13</sup>, os *actos* de arquitectura passam também a poder ser

---

<sup>13</sup> Anthony Vidler, *The architectural uncanny* (1992).

interpretados sob um ponto de vista sociológico. Os edifícios adquirem uma vida comunitária porque com um significado conjunto, com idades diversas e respectivas relações de respeito ou estranhamento, tendo alguns uma história de linhagem para contar, outros falando em unísono, outros ainda vozes ao vento.

## **5. CORPO DOCENTE**

Salvo em questões excepcionais, os arquitectos não dispõem de competências para ministrarem matérias neste colégio. São generalistas por orgulho e definição e aqui pretendem-se especialistas. Este princípio limitaria ainda a apropriação corporativa do ensino.

## **6. INSTALAÇÕES E PERÍODO LECTIVO**

O *vortex* deste projecto será a Herdade da Tojeira, em Vila Velha de Ródão.

Pretende-se realizar o primeiro curso com a duração de um ano lectivo convencional, não por questões institucionais mas por reflectir o ano solar e as suas implicações na vida da Terra.

Terá quatro partes em modelo de residência de uma semana na herdade: em Setembro, Novembro, Abril e Junho. As matérias teóricas serão ministradas em Lisboa, em aulas únicas semanais.

Ao longo deste processo, cada futuro *bom construtor* construirá a sua autarquia de forma autónoma. Implicará a captação de água, um abrigo, a produção de alimento e a geração eléctrica DIY.

A agregação decorrerá numa residência na Ilha das Flores, Açores, por tempo indeterminado.

A actividade de investigação não será feita de longas maratonas mas será diariamente conclusiva, sem nunca ter a pretensão de fechar o jogo. Sob a pressão final surgem as dúvidas que desbaratam a hipótese e levam a recomeçar de novo, sempre recomeçar de novo.

No momento em que se fecha um documento é que as questões se recolocam, mas é tempo de ir embora quando a festa começa.





**HOBBYECTS**  
made by you

dezembro 2016